

O Nascimento Virginal

Gordon Haddon Clark

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto

O Novo Testamento afirma explicitamente o “milagre biológico” do nascimento virginal.

Mateus 1:16,18, 20, 23: “... José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus... estando Maria, sua mãe, desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo. Enquanto ponderava nestas coisas, eis que lhe apareceu, em sonho, um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo. Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho...”.

Lucas 1:34,35: “Então, disse Maria ao anjo: Como será isto, pois não tenho relação com homem algum? Respondeu-lhe o anjo: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus”.

Com respeito a esses versículos, pode ser observado que o pronome relativo *de quem* é singular feminino, e não masculino ou plural. Mateus cita a profecia do Antigo Testamento sobre uma virgem. Eruditos incrédulos têm tentando negar que a palavra hebraica *almah* possa significar *virgem*. Aqui dois pontos devem ser notados: (1) Não há nenhuma passagem no Antigo Testamento onde *almah* não pode significar virgem, embora em um caso o status da garota não é tornado explícito; (2) Mateus traduz *almah* como *parthenos*, e Mateus conhecia suficientemente ambas as línguas para traduzi-la corretamente. *Parthenos* deve significar *virgem*. Então, mais conclusivamente, a Septuaginta, traduzida pelos judeus alexandrinos mais de um século antes de Cristo, usa *parthenos* para *almah* na passagem que Mateus cita. Sem dar crédito à acusação de que Mateus distorceu o Antigo Testamento para favorecer o Cristianismo, um cristão pode replicar que os judeus alexandrinos não tinham tal parcialidade. Nem eles podem ser acusados de ignorância quanto ao hebraico e grego. Similarmente, em Gênesis 24:43 os tradutores da Septuaginta usaram *parthenos* para *almah*; e certamente Rebeca era uma virgem. Esse argumento de forma alguma é enfraquecido pelo fato de que a Septuaginta também usa outras palavras para traduzir *almah*.

Um ponto adicional sobre Mateus e os críticos destrutivos. É o caso notável da *Revised Standard Version* [Versão Padrão Revisada]. O Novo Testamento foi publicado separadamente um ano, ou aproximadamente isso, antes do Antigo Testamento ser completado. Na sua primeira página não havia nada suspeito. Mas quando a Bíblia inteira foi publicada, e a primeira página de Mateus provavelmente não seria a primeira página que um leitor olharia, apareceu uma nota de rodapé que não tinha sido colocada na edição do Novo Testamento. Ela declarava: “Lemos em outras autoridades antigas: ‘José, de quem foi noiva a

virgem Maria, foi o pai de Jesus, que é chamado Cristo”. É impressionante que eruditos incrédulos devem utilizar tais táticas enganosas. Nenhum manuscrito grego tem tal transcrição. Se *versões*, isto é, traduções, são autoritativas, parece haver somente uma que faz de José o pai de Jesus. E se há somente uma, porque a *Revised Standard Version* diz *autoridades* no plural? Após os crentes protestarem que a nota era uma falsidade, os editores da *Revised Standard Version* deletaram a nota de suas edições posteriores.

A passagem citada de Lucas é ainda mais clara do que a de Mateus, se é que isso é possível. Um crítico simplesmente deletou Lucas 1:35 de sua tradução. É difícil explicar tal animosidade. Durante o primeiro terço desse século, candidatos à ordenação algumas vezes expressavam dúvidas sobre o nascimento virginal ou negavam abertamente tal “milagre biológico”. Não há nenhuma razão bíblica para essa oposição; nem há alguma razão textual ou exegética. Sobre a base filosófica, não há mais razão para rejeitar o nascimento virginal do que a ressurreição ou qualquer outro milagre. Se Deus é onipotente, ele pode operar milagres; se a Escritura é a revelação de Deus, ele tem operado milagres; e se os críticos rejeitam o sobrenaturalismo, não há nenhuma utilidade em argumentar com eles sobre um simples milagre. A dificuldade real é a rejeição deles do Cristianismo como um todo.

Aparte dos inimigos incrédulos, os amigos dentro do Cristianismo poderiam perguntar: De qualquer forma, por que deveria haver um nascimento virginal? Por que o Logos não poderia em sua natureza humana ter dois pais humanos? Isso não teria feito ele ser mais humano? Em resposta a essa pergunta, duas razões podem ser dadas e pode haver outras.

A primeira resposta é que esse não foi o nascimento de uma nova pessoa. Outros nascimentos são nascimentos de novas pessoas. Ninguém que esteja lendo essas palavras existia em 1850. Nascimentos ordinários requerem dois pais; mas o nascimento de uma pessoa pré-existente não é ordinário. Essa consideração pode não demonstrar a necessidade de um nascimento virginal, mas parece uma razão muito boa para esperar algo incomum.

A segunda razão pode não ser também demonstrativa, todavia, pode haver algo nela. Todos os bebês ordinários sofrem de depravação total porque a culpa do pecado de Adão é imediatamente imputada a eles. Cristo era sem pecado, ele não era depravado, portanto, a culpa do pecado de Adão não foi imputada a ele no tempo do seu nascimento. Visto que o pecado representativo era o pecado de um homem, e não de uma mulher, poderia ter sido mais congruente um mediador sem pecado ter uma mãe, mas não um pai. Essa pode não ser *a* ou nem mesmo *uma* explicação; mas num sistema perfeitamente concatenado, deve haver alguma relação, e até mesmo uma íntima relação entre a impecabilidade de Cristo e a não-imputação do pecado de Adão. De qualquer forma, o Novo Testamento ensina que Jesus nasceu da virgem Maria.

Em conexão com o nascimento virginal e ainda mais com a seção precedente sobre a Encarnação, e também em antecipação das últimas implicações, podemos observar que vários teólogos têm perguntado se esses dois eventos relacionados eram necessários. Essa questão não pergunta se, sob as condições presentes atuais, é necessário para nós cremos no nascimento e morte de Cristo.

A questão é se, antes de decretar o plano real de salvação, Deus poderia ter escolhido um plano diferente no qual não haveria nenhuma Encarnação. Alguns teólogos formulam isso dessa forma: a idéia da Encarnação está envolvida simplesmente na idéia da redenção, ou ela estava anteriormente envolvida na idéia da criação? Ou, isso poderia ser formulado assim: a Segunda Pessoa da Trindade poderia ter se encarnado, mesmo que o homem não tivesse pecado? Alguns teólogos argumentam que a Encarnação de uma pessoa divina é tão estupenda que ela deve ter sido incluída na própria idéia de qualquer criação, seja qual for. Essa razão, contudo, é transparentemente falaciosa. Mesmo que a obra de Cristo fosse mais extensiva do que fazer expiação, isso de forma alguma justifica que ele deveria ter se encarnado para cumpri-la.

Esse problema é mais complexo do que parece a princípio, e escavá-lo-emos mais adiante. Por ora, contudo, lembremos que o Filho do homem veio, não para ser servido, mas para dar sua vida como resgate por muito. Ele foi chamado Jesus, pois ele veio para salvar o seu povo dos seus pecados; e como os filhos são participantes da carne e do sangue, ele também participou das mesmas coisas, pois de outra forma não poderia ter morrido. Diremos mais sobre isso mais tarde; muito mais.

Fonte: *The Atonement*, Gordon Clark, Trinity Foundation, capítulo 6 (páginas 35-38).